

## O CORPO FEMININO NEGRO EM A MULHER DE ALEDUMA

Josimeire dos Santos Brazil<sup>37</sup>

*Resumo:* Este trabalho integra a pesquisa de doutorado “O CORPO FEMININO NEGRO EM A MULHER DE ALEDUMA”, em andamento, que trata de um estudo para entendimento das engrenagens que movem a criação de uma literatura afro-baiana e tem como parâmetro a obra A mulher de Aleduma (1981), de Aline França, escritora baiana, negra que ascende em sua ficção variável das identidades afro-diaspóricas. Desse modo, percebemos o corpo negro feminino como representação de uma problemática contemporânea social que antecede tal tempo e por conta disso, é um vetor simbólico entre ficção e realidade. O objetivo geral é percorrer caminhos para detectar como o corpo feminino sugere a expressão de uma sociedade marcada por um ideal colonialista, sexista, machista e de opressão e como a ficcionalização é capaz de trazer questões imprescindíveis ao debate que visa uma sociedade mais justa e igualitária. Neste texto, será realizada uma análise sobre recorrências desses corpos negros femininos na obra em questão. Destacam-se alguns estudos sobre a conceituação de corpos negros femininos, tais como de bell hooks (2001), Sueli Carneiro (2019), Leda Maria Martins (2021), dentre outros.

*Palavras-Chave:* Literatura feminina afro-brasileira. Corpos negros femininos.

---

<sup>37</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB), Linha de pesquisa Literatura, produção cultural e modos de vida. Orientador: Prof. Dr<sup>a</sup>. Ana Rita Santiago. Endereço eletrônico: josisantosss@hotmail.com.

## INTRODUÇÃO

Discutirei aqui, de forma breve, visto a dimensão que delimita este trabalho, o processo ao qual conduziu minha pesquisa até agora. Em um primeiro momento de estudo cunhei um conceito denominado de *Escravidão Invertida* ao qual compreendi como modo de vislumbrar a capacidade de mobilização de mecanismos e de potências que a obra *A mulher de Aleduma* (1985) é capaz de nos oferecer. Estes mecanismos de potências, ou potencialidades são esferas importantes na construção de modos de empoderamento constituídos como bases sociopolíticas, com vista à autonomia individual e consequentemente de um grupo, pois, como aponta Davis (1982). “Quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela.

Na sequência, e a partir do estudo minucioso da obra anteriormente mencionada fui chegando a locais aos quais compreendi que esta pesquisa exige, além de uma intenção de originalidade, o direcionamento de debates diversos que o entorno da criação de Aline França pode nos ofertar. Além de compreender que há dualidades ou equívocos que o conceito inicial poderia trazer em sua esfera, já mencionado em outros trabalhos e para além, a dualidade de sentidos que irei explicar posteriormente, poderia incorrer em erro do entendimento, podendo ser visto como substituição de mecanismos de opressão: Ou seja, para se chegar a uma nova encruzilhada que a pesquisa me propunha, fui antes levada a questionar sobre o que significaria inverter a escravidão. Estaria relacionado à escravização dos opressores? Obviamente que não. A proposta da reflexão é trazer a luz das nossas elucubrações os pontos na obra que denunciam a escravidão nos moldes que a história oficial da colonização trás, e como pelo evento intrínseco da linguagem essa mazela produzida pela humanidade, pode ressignificar ascensão e liberdade, através desse mesmo ato possível, apenas pelo

acontecimento de linguagem. Ou seja, a inversão da escravidão, estaria para a inversão dos efeitos desta, através de mecanismos diversos tanto de posicionamento ficcional, de linguagem, quanto das próprias vivências ou Escrivivência do próprio povo negro e dos sujeitos da criação e da ação.

Como dito, o termo foi cunhado no primeiro momento de estudo, de tal forma que será substituído nos trabalhos posteriores, visto seu caráter frágil de não oferecer, por si só, o entendimento competente ao que a ideia apresenta. Aqui, nos basta a compreensão do sentido sem demais alargamentos. Deste modo, redireciono a base da minha pesquisa e compreendo que há um *corpo* a ser estudado: Um corpo literário, um corpo fisiológico, um corpo histórico, um corpo negro feminino e, para além de todas as peculiaridades que a obra *A mulher de Aleduma* traz, adentrar nos desafios pertinentes a uma pesquisa de doutoramento. Assim, a escrita literária afro-brasileira é o fio inicial desta cocha de retalhos moldada e confeccionada por um corpo, que é negro que é feminino e que trás a voz de vários corpos na e para a costura deste tecido social.

## **PERCURSOS DE UMA PESQUISA A ESCRITA AFRO-BRASILEIRA-BAIANA DE ALINE FRANÇA**

Esta pesquisa intenciona trilhar os caminhos percorridos na obra por uma autora negra, baiana que através de seu corpo negro, baiano e feminino alcança a expressividade de um povo. Em se tratando de escrita de autoria feminina, confere-se a grande expressividade no labor e na criação que algumas autoras demonstram com a palavra. É pelo olhar do escritor e da escritora e de sua propriedade da palavra que a linguagem é inventada, reinventada e posta em evidência. Vistos com mais afinco, alguns fenômenos como a composição da arte literária, em que a arte da

escrita afro-brasileira e baiana desconstrói as fronteiras entre a ambivalência individual e coletiva, no qual o/a autor/a se coloca dentro do próprio ato de criação, conjugado ao ato de rememorar. Em se tratando da matéria de criação, amalgamada às concepções de uma dialética da história oficial e das inscrições sobre as rasuras ficcionais, como ferramenta de permanência dos signos, que percorrem os caminhos da colonização e retêm a atmosfera atual e vívida da escrita de Aline França. Nesses termos, vale ressaltar que, o signo dos eventos passados atualiza-se pelo gesto da palavra presente, aspectos étnicos e estéticos de vertentes contemporâneas que usam as estratégias narrativas como ferramentas para dar visibilidade ao corpo-tecido-social e, por que não assim dizer, como um impulso de reconstrução da própria história. “Aline, por querer sair um pouco da explicação tradicional cientificista do negro, dá-lhe essa resposta, mediante a ótica do romance ficcional. Foi a maneira que encontrou para protestar contra a situação calamitosa em que o negro se encontra no Brasil e em outras diásporas” (CÂNDIDO, 1990, p. 2).

Desse modo, os signos se edificam nos percursos da linguagem no qual a escritora circunda e se materializa conforme os moldes que a história nos traz. No entanto, há a transgressão através da matéria ficcional, daí a concepção de um corpo negro feminino como unidade de representação que traça os percursos da ancestralidade e se firma em um *eu* que se constrói e desconstrói-se no caminho ficcional através da matéria escrita.

A escritora Aline França nasceu em Teodoro Sampaio em 1948, mudou-se para Salvador na década de 1970, por conta de uma aprovação em um concurso público e passou a trabalhar na Universidade Federal da Bahia como telefonista. Em 1982 foi eleita à suplência de vereador, também em Salvador. A partir daí, a autora começou a integrar e interagir com vários movimentos ligados às questões culturais e afro-brasileiras. Lançou, em 1978, seu primeiro livro, a novela *Negão Dony*, e, em 1981, o livro *A*

*Mulher de Aleduma*. Participou da *Antologia Poetas Baianos da Negritude* em 1982 e *Os Estandartes*, em 1995. A história da literatura afro-brasileira - baiana pode ser compreendida através da escrita de Aline França, uma vez que a escritora, por meio da sua narrativa ressignifica a realidade e cria balizas de sustentação para compreensão de uma subjetividade pautada na cultura, na identidade, nos movimentos discursivos que colocam em evidência dois pólos: o corpo e a inscrição de um corpo negro feminino. Ou seja, a ideia de uma dialética *do corpo negro feminino* que se quer, ora memórias aprisionadas na evolução da rememoração, ora libertárias numa conjuntura de resistência e empoderamento uma vez que esta atinge tão alto grão de lucidez e subjetividade que se confronta, se desloca através do evento intrínseco da linguagem. Tudo isso surge como possível pelo mesmo ato transgressor da escrita criativa.

É nessa atmosfera que buscamos comprovações para nossas análises. Para o recorte do estudo, escolhemos, como dito, o livro intitulado *A Mulher de Aleduma* (1981), publicado pela Organização Clarindo Silva é a obra que pode nos oferecer um panorama da produção da autora para que se possa entender sua escrita contemporânea, de uma narrativa que apresenta fraturas da figura autoral, como facilitadores do processo de criação e de mecanismos estratégicos, na composição de uma literatura afro-brasileira/diaspórica. Esta se apresenta através de fatores de coloquialidade, revisitando as rasuras do corpo, o cotidiano do universo feminino e afro-brasileiro, por meio de originalidade e liberdade criadora.

Neste contexto, temos o propósito de refletir acerca da produção ficcional baiana e contemporânea de Aline França, da condição da escritora e sua forma de percepção da sociedade na contemporaneidade.

Vale ainda ressaltar que nossa metodologia dar-se-á pela investigação desenvolvida por meio da pesquisa com abordagem qualitativa do tipo documental, pois se pautará em considerações subjetivas, sendo que tomaremos a obra literária enquanto testemunho. Seguindo o pensamento de Goldenberg (2003, p. 10) no que se refere à pesquisa qualitativa, temos: “[...] as abordagens qualitativas não se preocupam fixar leis para se produzir generalizações”. Os dados da pesquisa qualitativa objetivam uma compreensão profunda de certos fenômenos sociais apoiados no pressuposto da maior relevância do aspecto subjetivo da ação social (...). Assim, buscaremos compreender a ação social através de uma leitura atenta da obra em evidência.

A Mulher de Aleduma é uma narrativa construída a partir do argumento de uma nova gênese. A criação de um mundo potencialmente diferente na qual o povo negro protagoniza a origem. A experiência de um novo mundo encenado entre acontecimentos sobrenaturais, mecanismos tecnológicos e adoecimento massivo da humanidade. A lógica da narrativa se sustenta pela lógica das comunidades tradicionais e seus modelos de organização social. Uma proposta de uma reconexão entre os seres: homem, mulher, natureza. De início, somos lançados na perspectiva da “Criação” numa mistura de condição sobrenatural, ao qual alguns autores denominam de surrealismo, ao mesmo tempo em que nos faz lembrar narrativas populares em outros momentos, histórias de ficção científica, dado as características empregadas das ciências futuristas. Vejamos:

Em certo continente da Terra, há milênios atrás, proveniente do espaço longínquo surgiu um negro de aparência divina, com uma missão de iniciar a proliferação de uma raça que futuramente viria a se tornar, na história desse continente, um componente de relevante importância. Era Aleduma, um Deus Negro, de inteligência superior, vindo do planeta IGNUM, governado pela Deusa Salóvia. Seu porte altivo, pele reluzente, ligeiramente

corcunda, com pés voltados para trás, barba trançada, caída até o chão, dava-lhe um aspecto singular. Veio para a escolha do local onde se desenvolveria raça negra. (FRANÇA, 1982, p.7)

O trecho supracitado introduz elementos que dão início à narrativa, criando um universo ficcional que será explorado ao longo da obra. Há ali, todavia, um mundo fictício capaz de resgatar a teia perdida da história/memória do povo negro, reconstruindo-a e solidificando-a. O protagonismo negro é fundamental para quebrar as bases do racismo. Aleduma é uma ilha que representa um mundo seguro, surgido no tempo ímpar, entre o futuro e o passado. Um lugar sagrado que luta por manter a organização tradicional e coletiva. A narrativa descreve um ser com "inteligência superior" e pés voltados para trás, simbolizando a continuidade e ancestralidade, elementos cruciais para fortalecer as raízes africanas com base nas sabedorias do passado e futuro, visando ao desenvolvimento da "raça negra". Isso promove uma interconexão que busca um novo projeto de sociedade, ao mesmo tempo em que reconfigura os ideais já estabelecidos. Essa transformação dialética busca o poder e a justiça social, promovidos por um Deus negro e uma Deusa negra, como marcas de uma nova gênese humana.

O corpo negro feminino está no centro da lógica da construção da obra. Falar de corpo negro feminino nos faz pensar nos recortes do conceito e representação de corpo, de corpo mulher, de corpo negro, de corpo mulher negro.

No caso de mulheres negras e seu peculiar posicionamento na encruzilhada das opressões que construíram nossa sociedade, para lembrar da interseccionalidade cunhada por Kimberlé Crenshaw, há uma invisibilidade que é consequência da articulação dos grupos subalternizados dentro da pirâmide social; afinal, sofre racismo o homem negro e sofre machismo a mulher branca. E onde fica a

mulher negra? Não fica em lugar algum, ou fica em um não lugar. (BHERT, 2019, P.40)

Deste modo, pensar o corpo negro feminino é pensar o lugar de diversas dimensões sociais marcada historicamente por processos de opressão, de violência de vivências e sobrevivência.

Fazemos um recorte aqui para destacar o corpo negro. O corpo negro encena o tecido de complexidades que ao tempo que significa marca biológica do estar presente, denota também o conjunto das relações simbólicas que atestam tessituras de resistência. Quando tomamos o corpo como partes representativas das escritas literárias, produzidas por mulheres negras destacamos a importância de trazer à cena do debate crítico e contemporâneo, vivências e vozes como meio de potencialidades para driblar o corpo negro da morte. A morte neste sentido não opera apenas no campo físico, pois, segundo Adiche Mbembe (2016) em seu ensaio sobre Necropolítica, diz que o corpo negro é como mais um corpo descartável, marcado pelas questões históricas, políticas e sociais. O corpo que está no centro, o alvo ao qual é relegada a morte social, subjugação desvalorização, pois, “Aos olhos do conquistador, “vida selvagem” é apenas outra forma de “vida animal” ( Mbembe 2016, p. 133). A morte, neste sentido é a forma severa de violência e de subalternidade que tende a desumanizar o negro/ a negra através da estrutura social e das práticas de opressão que vai desde o racismo estrutural à segregação socioespacial em diversos níveis.

O corpo sob o movimento de representação marca a arte literária de mulheres negras como dispositivo que resiste em direção a construir alternativas de re (existências) de vida e de sobrevivência. O corpo marcado por diversos prismas de controle das sociedades patriarcais, de dominação colonial. Para Hooks (1995) a mulher negra é caracterizada duplamente como um ser inferior, por sua condição feminina e racial. A mulher neste contexto é vista a partir de seu corpo, e este é um corpo mais

próximo da natureza, é um corpo com características mais “animalísticas” e primitivas que o corpo da mulher branca ou do homem negro. As peculiaridades e subjetividades que o corpo negro feminino trás e ainda segundo Hooks(1995) alimenta um sistema colonial para impor ao passo que impõe a sua desumanização.

A Filósofa brasileira Sueli Carneiro (2003), propõe "enegrecer o feminismo", ao passo que chama á atenção sobre o mito da fragilidade feminina e informa que essas características sempre foram negadas as mulheres negras. Deste modo, estes corpos são destituídos de um todo visto que ver a figura feminina patriarcal e apresenta rasuras de embates ideológicos trazidos e mantidos secularmente e fomentado pelo colonialismo e pelo próprio patriarcado. É como se este corpo mulher negra estivesse numa sub-ordem dos corpos femininos brancos. De acordo com Haesbaert, (2020), O corpo, e notadamente o corpo feminino e de outros grupos dissidentes, revela a concretude de inúmeras “outras escalas de opressões, de resistências: família, praça pública, comunidade, bairro, organização social, território indígena, etc.” (HAESBAERT,2020, *apud* CRUZ HERNÁNDEZ, 2017:43).

Assim, ao adentramos nesta seara nos depararemos com questionamentos históricos que envolvem as subjetividades dos vários corpos. Os corpos femininos negro detêm assim, territórios peculiares de análises e subjetividades capazes de descortinar elementos precisos nas diversas construções sociais.

## **CONCLUSÃO**

A *Mulher de Aleduma* propõe a reinvenção do real permeada pela imaginação e a realidade documentada. A autora Aline França privilegia o protagonismo do povo negro e, através

desta, encontra mecanismos de resistência por meio de uma escrita, marcada pelo seu lugar de escritora negra. O engendramento afro-diaspórico serve como pivô de dois pólos, os quais a autora entende como locais sagrados para sua criação, ao passo que intenciona movê-la para arestar as potencialidades de sua narrativa. Uma narrativa que intenciona resistência e potência. A encruzilhada a qual pretendemos demarcar é a do corpo-mulher negro. Este é capaz de nos guiar por várias facetas que as histórias podem nos oferecer e das possibilidades de entendimento de rasuras sociais, políticas e literárias tecidas por uma escrita lúcida e criativa. Ao encenar presente, passado e futuro, como vetores das possibilidades de transformação social, França marca a arte afro-brasileiro-baiana como mecanismo de prontidão, de não apagamento do corpo negro feminino e do não silenciamento das diversas vozes subalternizadas. Assim, este é um pequeno recorte de uma pesquisa que visa às contribuições para a promoção da justiça social ao povo negro, especialmente à mulher negra um corpo de vários corpos no mundo.

## REFERÊNCIAS

BERTH, Joice. *Empoderamento*. São Paulo. Polém Livros. 2019, p.184.

CARNEIRO, Sueli. "*Identidade feminina*". Cadernos Geledés: Mulher negra, São Paulo, Caderno IV, Geledés, p. 9-12, 1993.

*Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero*". Ashoka Empreendimentos Sociais; Takano Cidadania (Orgs.). Racismos Contemporâneos. Rio de Janeiro: Takano, 2003. p. 49-58.

FRANÇA, Aline. *A mulher de Aleduma*, 1981.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas da pesquisa social*. São Paulo: Atlas, 1999.

GONZÁLEZ, Lélia. *A mulher negra na sociedade brasileira*. In: LUZ, Madel Therezinha (org.). *O lugar da mulher: estudos sobre a condição feminina na sociedade atual*. Rio de Janeiro: Graal, 1982. p. 89-106.

GOLDENBERG, Mirian. *A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais*, 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

HOOKS, Bell. "*Intelectuais negras*". Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 3, n. 2, p. 464-476, 1995.

Haesbaert, Rogério. *Do corpo-território ao território-corpo (da terra): Contribuições decoloniais*: in: GEOgraphia Niterói, Universidade Federal Fluminense ISSN 15177793 (eletrônico) GEOgraphia, vol: 22, n.48, 2020.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. 3. ed. São Paulo: n-1 Edições, 2016.

Santiago, Ana Rita. *Vozes literárias de escritoras negras / Ana Rita Santiago*. – Cruz das Almas/ BA : UFRB, 2012.